



RESENHA:

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Persona Poética e autor empírico na poesia amorosa romana*. São Paulo, Editora Unifesp, 2016, 248 p., ISBN 978-855-571-007-0.

Simone Sales Marasco Franco¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v5i1.10333>

Paulo Sérgio de Vasconcellos é professor assistente da Universidade Estadual de Campinas, no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem e dedica-se ao estudo da poesia latina. O Livro *Persona poética e autor empírico na poesia amorosa romana* faz parte de sua pesquisa de pós-doutoramento e é voltada para a poesia de cunho amoroso na literatura latina.

Nesse livro, o autor analisa e comenta a interpretação sobre o autor clássico e sua recepção desde a antiguidade até os tempos hodiernos. A interpretação tradicional dessa literatura, segundo Vasconcellos, é baseada no biografismo dos textos antigos, pressupondo que as ações narradas nas elegias sejam experimentadas, vividas, por seus autores. Essa tendência interpretativa pode já ser encontrada nos próprios textos clássicos e não a partir do Romantismo, como muitos críticos acreditam.

Na contramão dessa interpretação, Paulo Sérgio explicita autores que seguem a perspectiva lançada no *New Criticism*, por volta dos anos de 1920, nos Estados Unidos, que negam veementemente o biografismo na literatura clássica e que defendem que a poesia amorosa e erótica são puramente ficcionais.

O autor se concentra nas elegias, ou seja, na poesia subjetiva amorosa em primeira pessoa, dando maior ênfase a Catulo, Ovídio, Tibulo e Propércio, mas não deixa de contemplar, também, autores como Virgílio, Horácio – principalmente nas poesias mais juvenis, bucólicas e pastoris – Sêneca, Plínio o Jovem, Marcial, Apuleio, Cícero e Quintiliano – os dois últimos, em relação à crítica aos autores anteriormente citados ou à utilização da *persona* no âmbito da oratória.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Thereza Basílio Vieira.

A pesquisa é alicerçada por estudos de autores bastante diversos e renomados, principalmente de língua italiana, francesa, inglesa e alemã, como G. B. Conte, W. A. Anderson, K. J. Dover, T. S. Eliot, G. Davis, R. Barthes, J. W. Beck, entre muitos outros. Aliás, as referências de literatura secundária e edições comentadas somam mais de vinte páginas, ao final da obra, o que configura uma rica fonte para um arcabouço teórico de qualidade para pesquisadores da área.

No capítulo “Leituras biografistas nos estudos clássicos, reação e contrarreação”, o autor demonstra que a literatura clássica tinha, até pouco tempo (meados dos anos 60), a tradição de ser interpretada como biografista, como se o poeta confessasse através dos seus poemas experiências reais, e que esses dados eram utilizados filologicamente para reconstituir a vida desse autor de forma que desse conta de esclarecer onde viveu, com quem teve relacionamentos, que tipo de relacionamentos, se sofria de algum mal, que tipo de vida levava, afinal, todos os dados que pudessem ser dali extraídos.

Em 1920, uma nova perspectiva interpretativa surgiu através do *New Criticism*, que rejeitava essa interpretação biografista, baseada na “intenção do autor”, e colocava no campo da ficção tudo o que é narrado nos poemas, uma vez que, não raro, os próprios poetas se contradizem em diferentes poemas e que a liberdade criativa permitiria que o autor empírico se distanciasse o quanto desejasse de sua criação poética.

Para contrapor essas duas possibilidades de leitura, Vasconcellos elenca uma série de poemas que mostram o distanciamento – ainda entre os clássicos, mas tomando como ponto de partida os heterônimos de Fernando Pessoa e se alicerçando no poema 16 de Catulo – entre o autor empírico e a *persona* criada por esse autor para nomear os poemas, muitas vezes, com o mesmo nome do poeta, o que corroboraria a confusão entre realidade *versus* ficção, com poemas nos quais as informações que nos chegaram, por vias diversas sobre os autores, coincidem com os fatos narrados, criando uma aproximação bastante realística e de onde poder-se-ia retirar informações relevantes.

É interessante ressaltar a relevância que Paulo Sérgio dá à obra de Paul Veyne nesse capítulo, uma vez que deixa bastante claro que não concorda com o posicionamento do crítico francês, cuja interpretação das elegias é altamente biografista – fato que fica bastante claro no livro

A elegia erótica romana – refutando, paulatinamente, muitos argumentos do livro sobre as elegias, mas destacando sua importante contribuição aos estudos clássicos. Segundo Vasconcellos:

“Esquecer Veyne, então? Lembramo-nos quando, há cerca de trinta anos, lemos com voracidade entusiástica sua obra, recém-publicada? No Brasil, então, ainda se fazia muita leitura biografista (...), e o contato com as eruditas e incisivas considerações de Veyne nos fez ver a questão da poesia subjetiva de outra maneira. Além disso, devemos reconhecer sua influência nos estudos sobre metapoesia no discurso elegíaco, um veio interpretativo que tem propiciado estudos brilhantes sobre os poetas elegíacos” (VASCONCELLOS, 2016, p. 47).

Vasconcellos aponta, no capítulo intitulado “Em torno de Catulo 16 e sua recepção”, que a questão do *ethos* do autor não é bem identificada nem mesmo entre os próprios romanos, uma vez que a discussão entre real/ficcional, vida/arte, é comumente abordada nos poemas e alvo de inúmeras acusações de má conduta. Para isso, elenca uma série de poemas metapoéticos que explicitam essa dualidade entre o autor empírico e “eu” poético evocado nas produções literárias.

Em contrapartida, adverte que os poemas subjetivos, principalmente os elegíacos, não devem ser vistos com um olhar que separe completamente o autor em vida/arte, ou *ethos*/vida pessoal, em que as experiências ali narradas sejam impossíveis de terem sido vividas, mas que vejam que elas criam uma ficção que pode ser tomada como realidade. Segundo o autor, “substituir uma leitura biografista por uma leitura que desvincula totalmente o texto do referente é outra forma de parcialidade arbitrária” (VASCONCELLOS, 2016, p. 62).

De fato, não há como saber se Lésbia, Cíntia, Délia e Corina são pseudônimos de pessoas reais. Tratá-las como pessoas de carne e osso seria apenas mais uma das inúmeras conjecturas acerca da biografia dos autores, por isso seria muito mais plausível dizer que são, sim, verossímeis – elas poderiam existir, mas não saberemos, ao certo, se existiram.

O capítulo “Persona poética e falácia elegíaca” é subdividido em duas etapas: a primeira, “ego fala de outro ego” mostra que a confusão entre o real e o fictício é uma das características dos jogos elegíacos a que Catulo, Tibulo, Ovídio e Propércio se propunham. O autor trabalha os temas das poesias elegíacas e traça um paralelo entre as semelhanças e discrepâncias com a lírica, principalmente a de Horácio e a de Virgílio, para, através delas, analisar a questão da autobiografia nos textos em que os autores marcam o próprio nome e a possibilidade de ser retratada, ali, a realidade do autor empírico, mostrando a confusão (proposital, inferimos) que era feita entre

persona e autor empírico, uma vez que o gênero joga com as leituras biografistas e declara, nos textos, sua distinção.

A segunda parte, “ambiguidades elegíacas”, trata, principalmente, das duas instâncias: vida e arte e sua separação pelos poetas. Segundo Vasconcellos, não é despropositado o uso do “efeito de real” – ou seja, quando o fato ou a pessoa possa realmente ter existido, quando há rumores da existência, mas que o texto, por si, não pode dar conta de afirmar a veracidade – uma vez que constitui uma característica do gênero. Na elegia, isso se dá, principalmente, quando se associa a *puella* (a amada) a uma personagem histórica, no uso enfático de *ego* e *ego ipsum*, ao nomear personagens históricos, entre outros, firmando uma linha tênue entre ficção e realidade, na qual fica praticamente impossível se estabelecer quais elementos são factuais ou não, apresentando ao leitor um jogo literário com efeito de real que é, ora construído, ora desconstruído.

O capítulo “Filosofia, retórica e a recepção da poesia amorosa romana” passa a tratar dos prosadores, principalmente Cícero e Quintiliano. Na primeira parte do capítulo, intitulada “Persona e Pessoa”, se percebe a recepção das poesias de primeira pessoa entre os autores mais tradicionais, defensores da *virtus*, como Cícero e Quintiliano – o primeiro, inclusive, seria um dos maiores críticos aos *neoteroi*, de que Catulo seria o precursor –, cuja interpretação biografista fazia com que condenassem os poetas pela submissão à mulher e a degradação do *status* de *vir*. Vasconcellos traz, nesse capítulo, inúmeros exemplos de autores acusados de ferir os *mores* romanos, uma vez que a temática ou o gênero tratados revelariam, segundo Cícero e Quintiliano, o *ethos* do autor. É interessante notar a extensa classificação das “máscaras” (*personae*) que o homem é obrigado (ou não) a assumir na sociedade, seja na vida privada ou pública, aproximando os papéis desempenhados durante a vida nas representações teatrais, uma vez que uma mesma pessoa deve assumir diferentes papéis durante a vida. Porém, para o *retor*, o reflexo de sua vida precisa transparecer a figura do *vir bonus*, ficando-nos claro que esse tipo de comportamento não poderia ser encontrado na poesia de primeira pessoa.

A segunda parte desse capítulo, “Fingi(dores) de si mesmos, dores fingidas”, é destinada à análise da influência, postulada por Cícero principalmente, da imagem do autor na oratória. Platão e Cícero discorrem muito e muitas vezes sobre a conduta do bom orador, sobre a influência da vida privada de um orador no sucesso de suas disputas. O uso da primeira pessoa, nesses discursos, tem o valor de confiança, de comprometimento; e a imagem passada a terceiros atesta a idoneidade de

quem pronuncia o discurso, mesmo que, na vida privada, sem o conhecimento público, a vida desse orador não seja virtuosa.

Vasconcellos arrola várias dessas considerações para mostrar que, para o orador, o valor do *ego*, em si, em nada tem a ver com a dicotomia realidade/ficção, mas com a confiabilidade, com ser eficaz à persuasão, mesmo que esse *ego* seja criado e não factual, pois um *ethos* positivo à causa pode não ser o verdadeiro, mas aquele criado a partir do discurso.

Por fim, antes das considerações finais, o autor apresenta um *excursus*, intitulado “Autores e obras: uma conhecida metonímia”. Nele, o autor mostra que, para os antigos, referir-se ao autor mentonimicamente era algo comum, inclusive entre os elegíacos, a distinção entre *persona* e autor empírico só era feita em determinados casos, como, por exemplo, se defender de alguma acusação. Logo, os autores eram reconhecidos a partir das características das suas obras, o que aumenta, para o leitor, a confusão entre real/ficcional.

Não podemos tirar o valor dos dois tipos de interpretação, seja o biografista ou o antibiografista; em verdade, não podemos tomar apenas um como verdadeiro. Não há como afirmarmos categoricamente que Lésbia, por exemplo, seja Clódia, nem que não seja; e justamente nisso reside a “graça” dos jogos elegíacos. A verossimilhança, a dúvida, o gracejo de pressupor compõem a lírica elegíaca e fazer uma análise de que o poema seja puramente ficcional é tão empobrecedor quanto não dar crédito ao poder de criação do poeta.

O presente livro tem a relevância de poder ser destinado a qualquer pessoa que se interesse pela lírica latina, desde um amante de literatura a um pesquisador pós-qualificado, uma vez que discute pesquisas relevantes, com os mais diversos pontos de vista – não apenas aquelas que corroboram a visão do autor –, e as explica, se não no corpo do texto, no grande número de notas, tão enriquecedoras – de tal forma que fornece ao leitor, muitas informações necessárias ao entendimento – uma vez que não seja relevante, naquele momento –, o caminho para consegui-las.

Além disso, Vasconcellos sempre demonstra no texto latino o ponto a ser abordado, acompanhado ou de uma tradução inédita, ou de alguma tradução considerada de qualidade disponível no mercado brasileiro, bem como a análise de todos os poemas citados. Dessa forma, o autor contempla o estudioso da língua, uma vez que trabalha com o texto latino, não apenas a tradução, e contempla o estudioso de literatura que não conhece muito bem ou nada da língua, uma vez que pode contar com uma tradução de qualidade pra ser consultada.

O texto traz, ainda, a contribuição de muitos autores: são mais de vinte páginas de edições críticas, comentadas e textos secundários e, apesar de estarem nas mais diversas línguas, o autor tem a preocupação de traduzi-las, todas, para o português, o que facilita em muito a pesquisa, e, ao mesmo tempo, transcrevê-las nas línguas originais para aqueles que podem e desejam consultar o original.

Apesar do grande avanço nas últimas décadas, o Brasil ainda carece de crítica de qualidade e atualizada na área de Clássicas. Por ser um tema bastante controverso, a pesquisa de Paulo Sérgio é extremamente relevante e traz uma grande contribuição aos pesquisadores da área. Por fim, além do tema principal, o texto nos é enriquecedor em relação à questão da metapoética, da intertextualidade, da recepção dos textos clássicos, tema que ganha cada dia mais destaque no meio acadêmico.

Recebido em Maio de 2017
Aprovado em Junho de 2017

